

## ***marzia***

a cor da água, a sua transparência, o barulho das ondas, o seu ritmo, o seu tumulto, a espuma da ressaca engolida pela areia, a luminosidade dos seixos, dos bancos de conchas, o cheiro das plantas nas dunas, das algas que secam na praia, o sal nos nossos lábios, o chuveiro do rebentar das ondas, o vento nos cabelos, a sua frescura na pele, o calor do sol no rosto, o sol a cintilar na água sempre em movimento, a sombra de uma nuvem que passa, a linha curva do horizonte, os gritos das gaivotas, as pulgas do mar na areia. E um cais deserto, ao longo do rio, e no fim do fim do cais, um hotel-restaurant desactivado. E Márcia, e Nuno, e Álvaro e Luís.

Karin Serres é uma das mais relevantes dramaturgas contemporâneas francesas. Escreveu mais de 50 textos para teatro, que já foram representados e editados em diversas línguas (alemão, inglês e sueco). É também cenógrafa e encenadora. Escreveu *marzia* em 2007, no quadro do projecto “*Partir en écriture*” promovido pelo Théâtre de la tête noire. *marzia*, escrito entre Lisboa e Cacilhas, tem agora em Almada a sua estreia mundial.

**TEATRO  
MUNICIPAL  
DE ALMADA**

Ficha técnica

**Estreia Mundial**

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

***marzia***

de Karin Serres

Encenação José Martins

Tradução Alexandra Moreira de Silva

Cenário e figurinos Karin Serres

Luz José Carlos Nascimento

Intérpretes Alberto Quaresma, Ana Borges, Daniel Fialho, João Farraia

Peça escrita com o apoio do Théâtre de La Tête Noire (Saran, França) e traduzida com o apoio de Beaumarchais-SACD

Sala Experimental

M/12

11 a 23 de Janeiro

Terça a Sábado às 21h30

Domingos às 16h00



**José Martins** iniciou a sua actividade teatral em 1971, tendo sido com Joaquim Benite um dos fundadores do então Grupo de Campolide. Encenador, actor e director de actores em televisão, criou diversos projectos teatrais: o Teatro da Malaposta, o Teatro do Noroeste e as Comédias do Minho. Encenou mais de quarenta peças, nomeadamente de Lorca, Goldoni, Molière, Schwab, Sinisterra, Garrett, Gil Vicente, Valle Inclán. Foi o primeiro encenador português, no final da década de noventa, a criar textos de Jean-Luc Lagarce: *Estava em casa e esperava que a chuva viesse* (1998) e *Regras da arte de bem-viver na sociedade moderna* (1999).



**Karin Serres** (1967) é autora e cenógrafa, formada pela École Nationale Supérieure des Arts et Techniques du Théâtre. Para além de cenários, a autora tem concebido igualmente figurinos, cartazes e ilustrações para diversos espectáculos. Escreveu cerca de quarenta textos de teatro, muitos deles dedicados ao público juvenil (*Un tigre dans le crâne*, *Colza*, *La Nuit cranivore*, *Louise/les ours...*), que têm sido objecto de leituras encenadas e/ou de criações não raras vezes dirigidas pela própria autora. Tem também multiplicado os jogos de escrita: escrita a várias mãos, escrita para rádio (*Chambre froide*, *Óscar ô mon carosse*, *Olé Rosita!*, *La chose dans la poubelle...*), cinema, contos infantis (*Mongol*, *Lou la brebis...*). De 2003 a 2004 foi autora associada no Théâtre de l'Est parisien, onde desenvolveu vários projectos de escrita. Actualmente, em colaboração com o Centro Cultural Sueco e com a SACD, está empenhada num projecto internacional de desenvolvimento e divulgação de teatro para a infância e juventude.

A sua relação com Portugal inicia-se graças ao projecto «Partir en écriture», do Théâtre de la Tête Noire (Saran - França), numa iniciativa de Patrice Douchet: seis autores franceses (entre os quais Karin Serres) escolhem um destino desconhecido onde se instalam em residência de escrita. Desta experiência resultam seis textos dramáticos cuja apresentação teve lugar no Théâtre de la Tête Noire, em 2007. Tendo escolhido Lisboa como destino, Karin Serres viajou até à capital portuguesa em Fevereiro de 2007 onde iniciou o seu trabalho de escrita. Em Maio de 2007, regressou a Portugal (Lisboa e Porto) a convite da Embaixada de França para participar num encontro sobre Literatura infantil e juvenil. Esta segunda visita terá sido decisiva para a conclusão da peça que viria a ter como título *Marzia*. Situada no cais de Almada, à beira-Tejo, a acção apresenta-se fragmentada, obedecendo a um rigoroso processo de montagem de quadros e de imagens, com vista à construção de um vasto painel onde cerca de vinte personagens existem através da evocação contínua de cheiros, de sabores, de sons, de cores, na sua maioria inspiradas pelo elemento aquático.

## Notas da autora

Comecei a escrever esta peça em Lisboa, em Fevereiro de 2007, no âmbito do projecto «Partir en écriture» criado por Patrice Douchet (Théâtre de la Tête Noire, Saran), a quem gostaria de agradecer. O meu reconhecimento vai também para todas e todos aqueles que, de uma forma ou de outra, acompanharam este processo de escrita e para todas e todos aqueles que encontrei aqui e em Portugal em torno desta experiência extraordinária. Agradeço ainda a Alexandra Moreira da Silva por ter dado a conhecer este texto a José Martins, encenador que tive o prazer de encontrar no Festival de Almada, no imenso Teatro azul, apenas a algumas centenas de metros do Ponto Final. Este encontro fechou o ciclo de escrita desta peça que será apresentada em português, no Teatro Azul, em 2010.

O ponto final: o meu ponto inicial.

## *marzĩa*

Grâce au projet "Partir en écriture" du Théâtre de la Tête Noire, qui offre des bourses d'écriture à l'étranger pour des auteurs de théâtre français, j'ai découvert Lisbonne, pour la première fois, pendant l'hiver 2007.

C'est là que j'ai écrit ma pièce "Marzĩa", à Lisbonne et surtout à Cacilhas, au bout du bout du quai, no fin do fin do cais, au pied de l'elevador da Boca do Vento, profondément touchée par la force de cet endroit, et sans savoir qu'un immense théâtre contemporain existait à Almada, juste derrière les maisons en ruine, la colline et l'enseigne du Real Vinicola : le TMA.

Je suis tombée amoureuse du quai de Cacilhas. Chaque jour de mon séjour d'écriture, j'ai traversé le fleuve pour y revenir, et j'ai commencé à écrire ce qu'e cet endroit très « habité » me racontait : l'histoire de quatre personnes, une femme, trois hommes, qui attendent, quelque part, au bord d'un fleuve. Qu'attendent-ils ? Eux-mêmes ne le savent plus. Rien ne se passe plus sur cette friche déserte, depuis des années, mais Marcia, Luis, Alvaro et Nuno ne peuvent la quitter, habités qu'ils sont par tous les fantômes de leur vie passée ici, sur ce quai jadis si chargé d'humanité. Tant que Marcia reste là, les trois hommes restent aussi, prêts à lui rejouer tout ce qu'elle voudra pour l'empêcher de perdre pied. Losers magnifiques, poètes immobiles, voyageurs temporels, perpétuels re-créateurs d'histoires éphémères et fragiles, ces quatre personnes hypersensibles nous racontent à leur façon la vie du quai présente, future et passée, et le temps qui n'est pas cyclique, qui nous fabrique et que l'on peut, avec nos mots et nos émotions, plier/déplier/transformer à volonté. Nous racontent leur théâtre sensible, le théâtre du quai.

Vous comprenez donc quelle émotion cela va être, pour moi, de voir cette pièce se créer ici, au TMA, dans une très belle traduction d'Alexandra Moreira-Silva, et la chance que je ressens d'avoir été invitée par José Martins, son metteur en scène, à travailler sur la scénographie.

Nous n'allons pas recréer le quai de Cacilhas, que tous les spectateurs connaissent ou peuvent aller arpenter, à quelques minutes du théâtre. Plutôt qu'un réalisme rationnel, ce qui nous importe, c'est le réalisme sensoriel de ces quatre personnes qui attendent, au bord de l'eau ou de ce qui a été de l'eau, dans un espace dévoré par le temps, et qui résistent, grâce au rayonnement des mots et à la puissance de leur force créatrice et créatrice. Voilà pourquoi l'espace où ces quatre errants se retrouvent sera le fond d'une piscine vide, couverte de mosaïques bleues comme le TMA, mais en creux, comme si le théâtre s'était retourné sur lui-même, une piscine abandonnée dans laquelle les herbes recommencent à pousser et Marcia lave inlassablement les vieilles nappes du restaurant qui ne serviront pourtant plus jamais. L'air sentira la maresia et les marrons chauds de la moto-vélo bricolée de Nuno, Alvaro et Luis grimperont à l'échelle rouillée comme quand ils étaient enfants, guetteurs aussi impatients qu'épuisés, et dans leur monde bleu tout déglingué, tous les quatre rejoueront pour nous la splendeur de toutes les vies réelles et imaginées qui habitent ces murs, cet espace, ce ciel et ce quai.

*Karin Serres, 25 novembre 2010*